


Tema: <b>Sector Vitivinícola</b>					Âmbito: <b>Nacional</b>	Tiragem: <b>121344</b>
Título: <b>Porto de honra, por Francisco Camacho</b>					Temática: <b>Generalista</b>	GRP: <b>11.7</b>
2006/12/16	JORNAL DE NOTÍCIAS – Notícias Sábado	Pág.10	Imagem: 1/1		Periodicidade: <b>Diária</b>	Inv.: <b>1866.00</b>

# Porto de honra



**Os ingleses** estão intimamente ligados às origens de dois dos maiores tesouros portugueses: o vinho Madeira e o vinho do Porto. É a eles que se deve o prestígio internacional destes dois néctares que, curiosamente, são subestimados pelos consumidores portugueses. Se o vinho Madeira é menos conhecido entre nós do que a aguardente de arroz japonesa, mesmo o Porto nunca atingiu cá dentro a imensa popularidade de que goza em países como a Inglaterra. Aliás, o vinho do Porto é uma descoberta inglesa. Fruto do acaso, surgiu da necessidade de adicionar às pipas doses generosas de aguardente para evitar a deterioração do vinho convencional nas viagens de barco entre o Douro e a Inglaterra. O primeiro mortal a provar essa mistura pode ter sido um qualquer estivador da Ribeira ou das London Docks, demasiado curioso ou apenas demasiado bêbado, mas, uma vez apurada a receita, poucas bebidas no mundo viriam a ser tão conotadas com uma certa ideia de nobreza, honra, compromisso. Sem os ingleses, sem o seu bom gosto e sem o seu histórico faro comercial, é bem possível que, hoje, o vinho do Porto não passasse de mais um exotismo confinado ao circuito das lojas 'gourmet'. E, no entanto, se perguntamos a alguém por um produto português cuja fama além-fronteiras não lhe suscite a mais pequena dúvida, a resposta é imediata: vinho do Porto. Quem não reconhece esta projecção internacional como mérito dos ingleses, ignora a história do vinho ou então padece de algum complexo decorrente da relação delicada que mantemos com os nossos velhos aliados, e que oscila entre o deslumbramento e a desconfiança.

**Sem os ingleses, é bem possível que o vinho do Porto não passasse de mais um exotismo confinado ao circuito das lojas 'gourmet'**

A hostilidade doméstica à influência dos ingleses no negócio do vinho poucas vezes foi além do folclore. Uma das excepções aconteceu quando o Marquês de Pombal desafiou o monopólio britânico na região e criou a Companhia Geral das Vinhas do Alto Douro. Em resposta, os homens da "feitoria" escreveram uma carta indignada ao ministro de D. José, o qual, irónico, lhes respondeu que nunca tinha ouvido falar de "feitorias inglesas", a não ser na Índia. Só que até mesmo esse episódio amargo veio a ter consequências benígnas, ainda que laterais. Logo depois do incidente, um primo do marquês foi nomeado governador do Porto, mas, ao contrário do pulso firme que o ministro pretendia, João de Almada acabou por estabelecer excelentes relações com os estrangeiros. Em especial, com o cônsul John Whitehead, fundador do palacete que continua a ser o ponto de encontro por excelência da comunidade britânica no Porto e cuja construção só foi possível devido a essa amizade – a Factory House, ou Feitoria Inglesa.

Numa altura em que se assinalam os 250 anos da Região Demarcada do Douro, a **NS** visitou este belíssimo edifício de finais do século XVIII, que passa despercebido a muitos portuenses. Com vista para a Ribeira e para um passado longínquo, a Factory House encerra vinhos lendários, quadros e móveis antigos, livros, mapas e outras preciosidades – mas não é um museu, nem apenas uma biblioteca. É um lugar fascinante da odisseia do vinho do Porto, fiel às suas origens e com vida própria, frequentado por produtores que cruzam nomes como Delaforce, Symington, Cockburn, Taylor ou Graham com outros bem portugueses e torcem pelo FC Porto mesmo quando o adversário é o Arsenal. Mas nada de confusões: na sala de jantar, na sala de sobremesas, na sala de escrever, na sala de leitura, na sala de visitas ou no salão de baile, a atmosfera deste palacete é inconfundivelmente inglesa, e aí reside o seu encanto intemporal, que dificilmente se traduz por palavras. Ainda assim, numa parede da chamada sala dos mapas, ao lado de retratos de Isabel II, de Winston Churchill e de enormes planisférios do século XIX, há uma notícia emoldurada do 'Times', com data de Abril de 1974, que quase podia servir de enunciado ao espírito deste lugar: "British port interests untouched by portuguese revolution". A cidade e o rio passam lá em baixo. Bom sábado,

**Francisco Camacho**

fcamacho@globalnoticias.pt

Director **NS**